

A IMPORTÂNCIA DA PEDAGOGIA DE PAULO FREIRE: UMA REFLEXÃO SOBRE SUA ACEITAÇÃO NO BRASIL

THE IMPORTANCE OF PAULO FREIRE'S PEDAGOGY: A REFLECTION ON ITS ACCEPTANCE IN BRAZIL

LA IMPORTANCIA DE LA PEDAGOGÍA DE PAULO FREIRE: UNA REFLEXIÓN SOBRE SU ACEPTACIÓN EN BRASIL

Gabriela Aparecida Silva de Lima¹
Rafaela Aparecida Silva de Lima²

Resumo

O presente artigo tem o objetivo de apresentar brevemente a pedagogia de Paulo Freire e as suas contribuições na perspectiva de uma educação libertadora. Situa seu trabalho dentro do contexto político e social da época. A proposta da educação libertadora surge em confronto com a educação tradicional, muito influente no contexto social e político no qual Freire viveu. Expõe a desvalorização da teoria pedagógica de Paulo Freire no Brasil devido a uma má interpretação de sua filosofia da educação; isso ocorre com base na desinformação sobre o pensador brasileiro e sua obra. Considera-se que deve ser aceita toda crítica a Paulo Freire, desde que seja autêntica, isto é, acadêmica. No entanto, a valorização de Paulo Freire deve ocorrer e permanecer não só na academia, não somente nos cursos de pedagogia, de filosofia ou sociologia, mas na sociedade como um todo. Freire deve ser reconhecido pelo próprio povo por quem lutou.

Palavras-chave: Paulo Freire; educação libertadora; pedagogia tradicional; pedagogia do oprimido.

Abstract

This article aims to briefly present Paulo Freire's pedagogy and his contributions from the perspective of a liberating education. It places his work within the political and social context of the time. The proposal of liberating education appears in confrontation with traditional education, very influential in the social and political context in which Freire lived. It exposes the devaluation of Paulo Freire's pedagogical theory in Brazil due to a misinterpretation of his philosophy of education; this is based on misinformation about the Brazilian thinker and his work. It is considered that any criticism of Paulo Freire must be accepted, as long as it is authentic, that is, academic. However, the appreciation of Paulo Freire must occur and remain, not only in academia, not only in pedagogy, philosophy or sociology courses, but in society as a whole. Freire must be recognized by the very people he fought for.

Keywords: Paulo Freire; liberating education; traditional pedagogy; pedagogy of the oppressed.

Resumen

El presente artículo tiene el objetivo de presentar, en forma breve, la pedagogía de Paulo Freire y sus aportes en la perspectiva de una educación liberadora. Ubica su trabajo en el contexto político y social de la época. La propuesta de educación liberadora surge en contraposición a la educación tradicional, con mucha influencia en el contexto social y político en que Freire vivió. Expone la devaluación de la teoría pedagógica de Paulo Freire en Brasil por una mala interpretación de su filosofía de la educación; eso sucede por falta de información sobre el pensador brasileño y su obra. Se considera que toda crítica a Paulo Freire debe ser aceptada, desde que sea auténtica, es decir, académica. Sin embargo, la valoración de Paulo Freire debe suceder y mantenerse no solo en la academia, no solo en los cursos de pedagogía, filosofía o sociología, sino en la sociedad como un todo. Freire debe ser reconocido por el mismo pueblo por quien luchó.

¹ Graduada em Filosofia – Universidade de Brasília. Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia: segunda licenciatura no Centro Universitário Uninter. E-mail: gababarecida@hotmail.com.

² Graduada em Filosofia – Universidade de Brasília. Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia: segunda licenciatura do Centro Universitário Uninter. E-mail: rafaela_ap.lima@hotmail.com.

Palabras-clave: Paulo Freire; educación liberadora; pedagogía tradicional; pedagogía del oprimido.

1 Introdução

Permeia, e talvez tenha sempre permeado, no Brasil, a ideia e o sentimento de que o que produzimos aqui não tem qualidade, é sempre inferior à produção estrangeira. Paulo Freire, patrimônio da cultura brasileira, é valorizado mundo afora, mas em seu país de origem recebe críticas, fundadas e infundadas. Quanto a isso, visa-se analisar as críticas infundadas, ou seja, produzidas mais no âmbito do senso comum que propriamente na academia.

É importante frisar a consideração, neste trabalho, de que a política é uma instituição que, como o próprio nome já diz, envolve todo homem e o homem todo. Política, do grego *polis*, designava antigamente as cidades-estado, constituídas pelas características do que hoje são os países. Ora, tanto as cidades-estado como os países de hoje, são, entre outras coisas, territórios demarcados e que comportam pessoas, seres humanos, homens, e, portanto, tais territórios se submetem a administrações, de modo que tais administrações são sobretudo gerências da vida das pessoas como um todo, ou seja, o homem integralmente sofre os efeitos de uma administração, seja ela de qual modelo for, tanto para o bem quanto para o mal.

Visa-se neste texto, tratar sobre certa desvalorização da pedagogia de Paulo Freire, bastante nítida, na sociedade brasileira. Como representação do problema real, lança-se mão de uma matéria do Portal G1 sobre uma fala do presidente da República brasileira sobre o assunto, mais detalhada no desenvolvimento do texto. Constata-se certo desrespeito proveniente do senso comum em relação à academia de modo geral, e, aqui neste trabalho, ao pensamento e à pessoa de Paulo Freire. Isso constitui a problemática do texto, que motiva este trabalho. Considera-se, aqui, bem-vinda e até necessária toda e qualquer crítica não somente a Paulo Freire, mas em todo ambiente acadêmico e fora dele, desde que tal crítica se estabeleça no rigor da academia.

Tem-se como justificativa da pesquisa o fato de que há uma alienação de certa parte da sociedade sobre o pensamento de Freire, de modo que não se pode exigir de tais cidadãos uma tomada de decisão em favor da academicidade, do caráter filosófico e verdadeiramente pedagógico do trabalho freiriano. Tal exigência, em certo nível, só é possível caso essas pessoas sejam informadas, por mais que de maneira não tão profunda, sobre a obra do pensador em questão.

Outro ponto importante é o fato de que uma breve elucidação da natureza da pedagogia freiriana não só pode culminar em uma maior valorização dela própria como alertar à sociedade

em relação a outros assuntos de natureza política e social, que vêm sendo tratados de forma leviana. A educação de modo geral, mas principalmente a pública, é um exemplo indispensável disso, e daí se estende a questão para pontos específicos como o obscurantismo em relação à ciência e demais questões epistemológicas, que são de extrema importância para o homem e, portanto, para toda e qualquer nação. Embora o presente texto não detalhe essas questões, elas estão implícitas.

Na perspectiva do problema relatado, delineiam-se objetivos geral e específicos. Como objetivo geral, pretende-se confrontar a crítica tida aqui como pertencente ao senso comum, com outra visão que, embora um tanto panorâmica, esteja mais próxima de uma visão acadêmica sobre o pensamento de Paulo Freire, e, portanto, mais justa, adequada e necessária. Os objetivos específicos, que são dois, consistem em primeiro: situar o trabalho de Paulo Freire dentro do contexto político e social de sua época, na qual a educação tradicional era predominantemente excepcional, considerando que em tal contexto político e social se encontra o homem oprimido e alienado de sua situação. Segundo: expor de modo mais detalhado a situação do oprimido e a importância da intervenção freiriana no caso, intervenção essa que na prática pode resultar na autonomia do até então oprimido.

Para tanto, lança-se mão do tipo de pesquisa bibliográfica, que consiste na consulta, leitura e fichamento de referenciais teóricos inerentes ao assunto, de modo geral e específico. O texto, no tocante ao desenvolvimento, se divide em três tópicos, o tópico 2, o tópico 3 e o tópico 5. Primeiramente busca-se enfatizar certa valorização de Freire no exterior e o fato de que em seu país de origem não se percebe tal valorização (por parte da sociedade, e não ela toda) de seu pensamento. Nesse ponto é que se destaca a fala do presidente da República sobre Paulo Freire, e o fato de o pensador brasileiro criticar o tipo de educação bancária, como ele chama, em prol de uma educação libertadora.

Posteriormente, no tópico 3, detalha-se brevemente a situação real do oprimido e a necessidade de sua conscientização. A intervenção da pedagogia freiriana na situação do oprimido possibilita certa autonomia ao até então oprimido. O caráter dialógico entre educador e educando, proposto por Paulo Freire, é de suma importância para o processo da educação libertadora. Ao fim, desenvolvem-se considerações finais sobre o assunto aqui tratado.

2 Paulo Freire, educação e política vinculadas

Paulo Freire é conhecido no mundo todo por sua pedagogia, que representa uma revolução na forma como a educação vinha sendo desenvolvida em seu tempo. Porém, não é

difícil perceber que aqui em seu próprio país ele recebe críticas de boa parte da população, críticas essas que se expressam de variadas maneiras, instituições e veículos de informações. No dia dezesseis de dezembro de 2019, de acordo com o portal G1, o presidente Jair Messias Bolsonaro chamou, diante da imprensa, Paulo Freire de energúmeno (MAZUI, 2019). Este trabalho não visa desenvolver uma crítica ao governo atual ou ao presidente, e sim tratar do fato de que se faz necessária a valorização de todo o trabalho de uma pessoa que é tida como patrimônio da cultura brasileira.

O fato de se destacar aqui a fala do chefe de estado do Brasil está relacionado à nitidez de uma rejeição a Paulo Freire que, embora seja aparentemente pautada na superficialidade de conhecimento, obtém muitos adeptos. Considera-se, então, a fala do presidente da República como expressão bastante relevante do desenvolvimento, através dos anos, e impacto da tal crítica despejada sobre Paulo Freire. Isso posto, considera-se também que é de suma importância tratar a pedagogia freiriana como essencial para a educação brasileira, de modo que se torna viável uma resposta (provavelmente entre muitas outras por meio de outros trabalhos) do presente trabalho a essa rejeição, e a maneira de realizar isso é aprofundando um pouco mais no conhecimento sobre sua pedagogia.

O trabalho de Freire é reconhecido mundialmente, seu livro *Pedagogia do Oprimido*, por exemplo, em um intervalo de menos de duas décadas, isso até o ano de 2012, havia chegado à casa de mais de 25 edições nos Estados Unidos. De acordo com Ghiraldelli Jr, “uma vez nas livrarias [Pedagogia do Oprimido] saltou das prateleiras da área de educação para se reproduzir também nas ciências sociais e filosofia” (GHIRALDELLI JR, 2012, p. 1). Ghiraldelli Jr. ainda relata um pouco de sua experiência como aluno de Paulo Freire e descreve um dos encontros com o renomado professor:

Meu tempo com o professor Paulo Freire, em sala de aula, ocorreu em meados dos anos de 1980. A sala estava lotada, com pessoas sentadas no chão e apinhadas nas janelas. O lugar poderia abrigar umas quarenta pessoas, mas estávamos em mais de oitenta. Era uma aula de pós-graduação, no chamado “quarto andar”, reservado aos “altos estudos” da então toda poderosa Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a universidade mais badalada em estudos filosófico-educacionais do país na época [...] Paulo Freire chegou de camisa azul de manga curta, gravata vermelha, calça azul e tênis novo, branco. Cumprimentou todos de modo simpático e característico, apresentando a barba longa e os cabelos um pouco compridos, ambos de uma coloração ainda não completamente branca, e sim cinza, de maneira um pouco diferente das fotos de boa parte das capas de seus livros posteriores, responsáveis pelo imaginário social mais atual sobre Freire (GHIRALDELLI JR, 2012, p. 1).

O relato do autor supracitado mostra que Paulo Freire nessa época tinha uma imagem bastante positiva; ele reunia muita gente interessada em sua filosofia da educação. De fato, no

âmbito acadêmico, Paulo Freire parece não ter sido rejeitado, a não ser por críticas válidas³, que, diga-se de passagem, não constroem tantos prosélitos, por isso opta-se aqui por elucidar tal rejeição com um exemplo político e não acadêmico. Além disso, tratar da pedagogia freiriana implica tratar de política, dado que sua filosofia da educação se estabelece em uma crítica de viés político e social.

Na posição de Freire sobre a educação, de modo geral, pode-se observar sua crítica ao modelo educacional que prioriza inserir conteúdo no educando, colocado em posição inferior ao educador, de modo que se espera dele apenas que apreenda certas “normas” que lhe são oferecidas, mas que não lhe são próprias. Na sua crítica ao modelo tradicional de educação, Freire considera que o ser humano tem sido abordado como que estando fora de seu próprio mundo; assim a educação que lhe é oferecida não surte o efeito adequado à situação de um indivíduo inserido em um contexto social e político de natureza opressora, e essa abordagem vai contra a natureza do próprio homem, que é um ser de relações e não só de contatos. Segundo ele:

Entendemos que, para o homem, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele, possível de ser conhecida. É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está *no* mundo, mas *com* o mundo. Estar *com* o mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é (FREIRE, 1967, p. 39).

O fato de o educando ser considerado dessa forma, fora de seu mundo, resulta da influência das forças sociais poderosas que criam mitos que se voltam contra o homem simples:

Infelizmente, o que se sente, dia a dia, com mais força aqui, menos ali, em qualquer dos mundos em que o mundo se divide, é o homem simples esmagado, diminuído e acomodado, convertido em espectador, dirigido pelo poder dos mitos que forças sociais poderosas criam para ele. Mitos que, voltando-se contra ele, o destroem e aniquilam. É o homem tragicamente assustado, temendo a convivência autêntica e até duvidando de sua possibilidade (FREIRE, 1967, p. 44).

Essa situação, afirma Freire, interfere na capacidade do homem moderno de tomar decisões em favor dele, ainda que ele mesmo não perceba que está se distanciando dessa possibilidade: “Uma das grandes, se não a maior, tragédia do homem moderno, está em que é hoje dominado pela força dos mitos e comandado pela publicidade organizada, ideológica ou não, e por isso vem renunciando cada vez, sem o saber, à sua capacidade de decidir” (FREIRE, 1967, p. 43).

³ Isto é, críticas embasadas academicamente e não desenvolvidas no âmbito do senso comum.

Essa posição na qual o homem é forçado a ficar, por influência de forças maiores que ele, impede que o próprio perceba o mundo em seu movimento, movimento esse que proporciona oportunidade de se libertar. Esse movimento ao qual se refere Freire é o que ele chama de transitividade. Para ele, o Brasil passava naquele momento histórico por uma transição, a qual se expressa pela mudança dos “temas e tarefas”, de modo que o posicionamento do educador deveria considerar tal transição:

Quando, porém, estes temas iniciam o seu esvaziamento e começam a perder significação e novos temas emergem, é sinal de que a sociedade começa a passagem para outra época. Nestas fases, repita-se, mais do que nunca, se faz indispensável a integração do homem. Sua capacidade de apreender o mistério das mudanças, sem o que será delas um simples juguete. Vivia o Brasil, exatamente, a passagem de uma para outra época. Daí que não fosse possível ao educador, então, mais do que antes, discutir o seu tema específico, desligado do tecido geral do novo clima cultural que se instalava, como se pudesse ele operar isoladamente. E que temas e que tarefas teriam sido esvaziados e estariam esvaziando-se na sociedade brasileira de que decorressem a superação de uma época e a passagem para outra? Todos os temas e todas as tarefas características de uma “sociedade fechada”⁴ (FREIRE, 1967, p. 46).

Ao se referir a temas, se refere a temas geradores, que podem ser encontrados no universo de palavras nos quais se encontra o homem existente. Essa posição de Paulo Freire se dá na perspectiva de um esforço para resgatar a união entre conhecimento e vida. Para ele, pensamento e mundo não devem se separar, e os conflitos de ideias que separaram a sociedade proporcionaram nova temática:

Nutrindo-se de mudanças, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança. Ele implica realmente nesta marcha acelerada que faz a sociedade à procura de novos temas e de novas tarefas [...] Em última análise, toda a temática e o conjunto de suas tarefas, ao rachar-se a sociedade, assumiram uma nova coloração. Na “sociedade fechada”, temas como democracia, participação popular, liberdade, propriedade, autoridade, educação e muitos outros, de que decorriam tarefas específicas, tinham uma tônica e uma significação que já não satisfazem à Sociedade em trânsito. Nossa preocupação, de resto difícil, era a captação dos novos anseios, como a visão nova dos velhos temas que se consubstanciando, nos levaria a uma “sociedade aberta”, mas destorcendo-se, poderiam levar-nos a uma sociedade de massas em que, descriticizado, quedaria o homem acomodado e domesticado (FREIRE, 1967, p. 46-47).

A opção que a pedagogia de Freire toma e oferece é a de tornar o educando capaz de construir seu próprio conhecimento, torná-lo autônomo nesse sentido; esse problema não deixa de ser uma questão social e política, visto que, como vimos acima, o Brasil passava por uma fase de transição, fase essa que se mostrava como oportuna para o homem oprimido assumir o controle de sua situação, de modo a libertar-se. O papel do educador nesse sentido era de

⁴ Com “sociedade fechada” Paulo Freire faz menção a Karl Popper em sua obra *A Sociedade Democrática e seus Inimigos*.

conectar sua tarefa com as tarefas dos demais temas, com vistas, entre outras coisas, a conscientizar o homem oprimido da transitividade pela qual passava o país:

Estávamos convencidos, e estamos, de que a contribuição a ser trazida pelo educador brasileiro à sua sociedade em planejamento, ao lado de economistas, dos sociólogos, como de todos os especialistas voltados para a melhoria dos seus padrões, haveria de ser a de uma educação crítica e criticizadora. De uma educação que tentasse a passagem da transitividade ingênua à transitividade crítica, somente como poderíamos, ampliando e alargando a capacidade de captar os desafios do tempo, colocar o homem brasileiro em condições de resistir aos poderes da emocionalidade da própria transição. Armá-lo contra a força dos irracionalismos, de que era presa fácil, na emersão que fazia, em posição transitivante ingênua (FREIRE, 1967, p. 86).

Dado que o autor considera inviável que o homem seja tratado como desconectado e permaneça alienado de seu mundo, o que significa também dizer que o pensamento não pode ser separado do mundo material, sua pedagogia, refletindo essa perspectiva, expressa esses princípios. Sendo assim, visto que a pedagogia tradicional não se comunicava com o homem em seu mundo, nosso filósofo da educação considerava que a pedagogia eficaz deve se estabelecer no diálogo com o indivíduo em conexão plena com seu mundo, o que geraria consciência crítica no brasileiro:

Não seria, porém, com essa educação desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra “milagrosamente” esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades com que o educando ganhe a experiência do fazer, que desenvolveríamos no brasileiro a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização (FREIRE, 1967, p. 94-95).

O pensamento do literato está, portanto, vinculado à situação social e política do homem, que no caso se refere principalmente à parte mais fraca: o homem oprimido. A pedagogia tradicional seguia sem o diálogo necessário com o educando, o que para Paulo Freire seria uma situação a ser superada. Sua pedagogia, então, se coloca como fomentadora dessa superação por meio do diálogo com o indivíduo vinculado ao seu contexto, o que significa dizer que tal diálogo se expressaria na discussão dos problemas imediatos do homem educando, da comunidade na qual ele estava inserido. Daremos continuidade, no próximo tópico, a esse assunto em específico.

3 O oprimido e a pedagogia: em busca da autonomia

Sabe-se que a pedagogia de Freire se volta para o homem oprimido em seu contexto social e político. É um marco histórico no Brasil o fato ocorrido em 1962, em Angicos, Rio Grande do Norte, no qual em 45 dias centenas de trabalhadores rurais foram alfabetizados. Ao

se falar da *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, logo se remete a esse acontecimento, dado que a obra em questão é uma teorização dessa experiência. É muito interessante desde já observar que essa obra como teoria surge exatamente da experiência em si, algo que contrasta com aquilo que Freire sempre criticou, como esclareceu-se acima ao mencionar-se o fato de ele voltar sua reflexão ao problema de a pedagogia tradicional seguir desconsiderando o educando em sua realidade existencial.

Embora hoje pareça algo bem comum, a noção de oprimido permeada na educação é inovadora em seu surgimento por obra de Paulo Freire. A novidade nesse sentido, especificando melhor, está no fato de se elucidar a importância da influência política na educação tanto formal quanto informal. A afirmação de Freire de que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho, o homem se liberta em comunhão” (FREIRE, 1987, p. 27), traz a noção de que não se espera por um salvador, um libertador, pois, todos são protagonistas da libertação.

Ao se falar de todos, se fala do envolvimento da parte prejudicada até então, considerando o contexto social e político no qual Paulo Freire desenvolveu sua tese básica do processo educacional. Significa dizer que não mais se espera que padrões externos ao sujeito do aprendizado lhe sejam impostos. Esta é a pedagogia que “entende a educação como uma maneira de tornar o aprendiz capaz de forjar suas próprias regras e, tendo isso ocorrido, pode se considerar uma pessoa educada” (GHIRALDELLI JR, 2012, p. 1).

A pedagogia tradicional recebe uma designação específica em *Pedagogia do Oprimido* que representa uma delimitação terminológica. Nesta obra a educação tradicional é criticada pela expressão Educação Bancária, que representa a educação disponibilizada pela elite e que é incapaz de libertar o sujeito oprimido, até porque não se poderia esperar da elite que se interessasse por tal libertação, pois, para sua concretização, Freire desenvolve contra ela uma Educação Libertadora. Segundo Sartori: “Ao teorizar uma proposta educacional problemática, Freire enfatiza que a libertação não consiste em uma doação ou bondade das camadas dominantes, mas sim que pode se concretizar a partir da construção da consciência” (SARTORI, 2008, p. 170).

Paulo Freire inicia a sessão *Primeiras Palavras* em *Pedagogia do Oprimido* dessa forma: “Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam” (FREIRE, 1987, p. 9). Esta declaração tem o mesmo teor que a supracitada que afirma que ninguém liberta ninguém, e sim o homem se liberta em comunhão. São muitas as considerações que se podem fazer à obra em questão, na perspectiva do que se está dizendo aqui. Freire segue o discurso com essa base, de que na

sociedade há uma classe específica que precisa ser conscientizada de sua condição de oprimida, ou de esfarrapada.

Há, então, a necessidade de uma conscientização do todo envolvido em tal situação, de modo que este todo se aproprie dela: “Desta forma, aprofundando a tomada de consciência da situação, os homens se ‘apropriam’ dela como realidade histórica, por isto mesmo, capaz de ser transformada por eles” (FREIRE, 1987, p. 9).

Depende, pois, de um “encontro” entre indivíduos que compõem o todo necessitado de libertação. Esse encontro se dá pela percepção, pela conscientização que se inicia na aplicação da educação libertadora e prossegue sendo desenvolvida por eles, até então inconscientes de sua situação. Ao adquirir essa percepção, o oprimido se vê capaz de sair da “sombra” do opressor, o que poderia, de início, acovardar o oprimido, visto que se acomodou à sombra do opressor. Sobre isso Paulo Freire diz:

Os oprimidos, que introjetam a "sombra" dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, a medida em que esta, implicando na expulsão desta sombra, exigiria deles que ‘preenchessem’ o ‘vazio’ deixado pela expulsão, com outro ‘conteúdo’ – o de sua autonomia. O de sua responsabilidade, sem o que não seriam livres. A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação [...] (FREIRE, 1987, p. 16).

É de fundamental importância atentar para a questão da possível covardia do oprimido. À liberdade se soma a questão da responsabilidade, que é a responsabilidade de se construir a si mesmo longe da sombra até então “acalentadora”. Não é difícil imaginar que a covardia seja, talvez, o principal elemento dificultoso na tentativa de conscientização do homem oprimido por meio da educação libertadora, mas, se a situação de opressão tem como saída a conscientização, pensa-se que se deve avisar previamente o oprimido de que ele está prestes a ser inserido em um possível nível de consciência do qual ele é desconhecedor, e que tal consciência o transformará em outro indivíduo, em um sujeito que enxerga sua situação e ao enxergá-la compreende seu caráter negativo. Esse caráter negativo da situação do oprimido era até então ocultado pela falta de consciência. Então, pensa-se na necessidade de grande cautela e profundo caráter reflexivo, como elementos estratégicos, na aplicação da educação libertadora. Desse modo, espera-se, o oprimido não se deparará com uma mudança abrupta de um contexto existencial e aconchegante para um contexto de responsabilidade, de modo que com isso seja possível amenizar o possível espanto causador da covardia.

3.1 Em busca da autonomia

A busca pela autonomia do educando começa pelo fato de Paulo Freire considerar como em pé de igualdade os dois: a docência e a discência. Para ele “não há docência sem discência” (FREIRE, 2007, p. 11). Tal observação não é feita na pedagogia tradicional, pelo menos não dessa forma, visto que esta se identifica com a prática docente que visa tão somente inserir conteúdo nos educandos, e o educador é o único sujeito do processo de ensino. No caso da educação freiriana, o posicionamento, no mesmo patamar, dos dois elementos formadores do processo de ensino, educador e educando, permite que o diálogo horizontal aconteça, em vez de um diálogo posicionado mais verticalmente, com o professor em um patamar acima do educando, de modo que aproxima teoria e prática e o educador se torna um coordenador no ato de ensinar. Nesse sentido Freire afirma que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 2007, p. 12).

Desse modo, tal viés dialógico, em uma perspectiva horizontal, resulta em certa superação de parte daquilo que se tem como hierarquia, bastante ressaltada pela pedagogia tradicional. Significa dizer que educando e educador se colocam em patamar de igualdade; assim nem um nem o outro se torna objeto, e sim contribuintes de um mesmo processo, embora em certo sentido continuam sendo diferentes. Paulo Freire expõe isso da seguinte forma:

Se, na experiência de minha formação, que deve ser permanente, começo por aceitar que o formador é o sujeito em relação a quem me considero o objeto por ele formado, me considero como um paciente que recebe os conhecimentos-conteúdos-acumulados pelo sujeito que sabe e são a mim transferidos. Nesta forma de compreender e de viver o processo formador, eu, objeto agora, terei a possibilidade, amanhã, de me tornar o falso sujeito da "formação" do futuro objeto de meu ato formador. É preciso que, pelo contrário, desde os começos do processo, vá ficando cada vez mais claro que, embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro (FREIRE, 2007, p. 12).

Assim sendo, desconsiderar esse processo comprometeria a futura autonomia do educando, visto que este já se encontra disposto desde o início em condição de inferioridade; portanto, é de suma importância considerar a existência do educando, pois, do contrário, sobrevirão a ele imposições, “receitas”, “regras”, “métodos” estranhos a ele por não serem provenientes de seu ambiente. Vê-se também que, para Freire, não há uma desconsideração total do fato de que ensinar é inserir conteúdo, porém, isso tem limite, e tal limite se manifesta diante da necessidade de se quebrar o ciclo de formação do futuro falso formador, educador. Significa que a desconsideração do educando como sujeito também do processo educacional

coloca aquele que assume o papel momentâneo de educador como um falso educador que será reproduzido historicamente.

Se desde o início da formação do sujeito ele deve necessariamente se enxergar como protagonista de sua própria educação; tem-se um elemento positivo na questão da autonomia, visto que o costume, que outrora era o alimentador do problema da alienação, e que se dá com o tempo, será agora um elemento fomentador da autonomia do até então oprimido. É importante perceber aqui que o tempo é um fator importante, dado que a existência do indivíduo, bem como sua identidade pessoal são construídos mediante o tempo, a história, de modo que as coisas se formam cautelosamente, sem rompimentos abruptos, mas isso seria no caso de a educação libertadora ser de fato aplicada, adotada verdadeira e permanentemente.

4 Metodologia

O presente trabalho desenvolveu-se, dada a natureza de seu tema, predominantemente na perspectiva de uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Antonio Carlos Gil, a pesquisa bibliográfica se mostra um tipo de pesquisa bastante singular, e tal singularidade se dá devido a vários fatores, entre eles a natureza do problema. Em suas palavras, afirma:

A pesquisa bibliográfica, como qualquer outra modalidade de pesquisa, desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Seu número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema, o nível de conhecimentos que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir à pesquisa etc. (GIL, 2005, p. 59).

Devido à especificidade dessa modalidade de pesquisa, não se pode, ou deve, tentar apresentar um modelo único de pesquisa bibliográfica, de modo que “os modelos apresentados pelos autores que tratam desse assunto [pesquisa bibliográfica] diferem significativamente entre si” (GIL, 2005, p. 59). Assim sendo, segue-se aqui uma forma, embora essencialmente identificada com a pesquisa bibliográfica como um todo, singular, infra detalhada.

A escolha do tema se deu devido ao reconhecimento de uma situação política um tanto preocupante no sentido de uma desvalorização da academia e da ciência. Considera-se esse fato como notável, de modo que não se faz necessário levantamento documental para que se torne visível à sociedade. Como expressão deste fato, pelo menos em uma forma notável, usou-se a matéria do G1, supramencionada.

Procurou-se, posteriormente, fazer breve levantamento bibliográfico para embasar teoricamente o trabalho. As principais referências são do próprio Paulo Freire, e posteriormente comentadores como Paulo Ghiraldelli Jr e Jerônimo Sartori. Desenvolveu-se uma leitura

sistematizada para fins de se adequar à delimitação do tema, que se concentra na questão da crítica de senso comum desenvolvida no Brasil contra Paulo Freire, que como resultado macula e infama a imagem do pensador.

Após essa leitura inicial, estruturaram-se os objetivos geral e específicos, que são inerentes à organização lógica dos tópicos e do texto. O objetivo geral, que de certa forma se expressa no tema e título do presente trabalho, bem como em sua problemática, consiste em confrontar a crítica tida aqui como pertencente ao senso comum, com outra visão que, embora um tanto panorâmica, esteja mais próxima de uma visão acadêmica sobre o pensamento de Paulo Freire, e, portanto, mais justa, adequada e necessária. Intenciona-se, como resultado, promover a consciência da importância do pensamento de Paulo Freire e sua necessária valorização.

Os objetivos específicos se dividem em dois. O primeiro visa situar o trabalho de Paulo Freire dentro do contexto político e social de sua época, na qual a educação tradicional era predominantemente excepcional. Em tal contexto político se encontra o homem oprimido, vítima de um processo de alienação a respeito de sua própria situação. O segundo consiste na tentativa de expor de modo mais detalhado a situação do oprimido e a importância da intervenção freiriana no caso, intervenção essa que, na prática, pode resultar na autonomia do até então oprimido. Por fim, redigiu-se o texto com base nos critérios observados até aqui, neste tópico.

5 Considerações finais

Ainda hoje a pedagogia tradicional tem sua relevância, no sentido de que ela ainda tem adeptos e é discutida academicamente, bem como sua teoria ainda é cobrada em concursos públicos. O fato de isso ocorrer parece mostrar que a consciência democrática trabalha naturalmente na sociedade brasileira, o que é positivo; o que não deveria ocorrer são as absolutizações. Pensa-se aqui que as absolutizações sempre culminarão em formas variadas de violência, o que de fato ocorre na matéria do G1 supramencionada sobre a declaração do presidente da República.

Seria viável discutir esse tipo de coisa academicamente? Ora, declarações desse tipo se tornaram comuns no Brasil na esfera política nos últimos anos, mas sabe-se que a construção desse fenômeno remonta a tempos atrás, não se desenvolveu no prazo de poucos anos. Voltando na história, talvez será difícil apontar um momento exato de seu início, mas não é difícil saber que comportamentos desse tipo, que refletem pensamentos e sentimentos específicos, vão e

voltam de tempos em tempos. Daí a necessidade de se levar a democracia a sério, o que implica responsabilidade para quem a vê dessa forma, com seriedade, que é a forma correta.

O cidadão em posição de desigualdade cultural, que se chama aqui de homem oprimido, sempre, ou quase sempre, enxergará dificuldade nesse tipo de proposta, a de assumir responsabilidades, a partir da manifestação daquilo que Paulo Freire classificou como “vazio resultante da saída do oprimido da ‘sombra’ do opressor”. Seria possível tratar uma doença sem primeiro reconhecê-la, identificá-la? Coisas como a declaração exposta acima são apenas sintomas de um problema mais grave e que é construído historicamente, de modo que só pode ser superado também pela história.

Seria então um problema concluir filosoficamente que a história é determinista e determinada, mas, como nos leva pensar Paulo Freire, a história não está aí para lançarmos mão de suas rédeas, e quando se fala em primeira pessoa no plural, está a se falar na condição de mulheres e homens oprimidas e oprimidos. Se faz necessária então a coragem para encarar a missão de autolibertação, dado que não se pode esperar dos opressores tal ato de compaixão.

Se o oprimido pode se acovardar de início diante da liberdade em relação à sombra do opressor, então deduz-se que ele sente medo, porque ninguém se acovarda se não for por medo. Ora, não é o medo o alimento da coragem? Sem medo não haveria coragem e sim destemor. E quando se faz necessária libertação imediata, não se pode esperar pelo momento de destemor, visto que este não é uma questão de tomada de decisão e sim uma questão fortuita e que escapa ao controle do indivíduo; já a coragem não, ela é uma questão de tomada de decisão.

É preciso decidir (tomar coragem de) não aceitar uma rejeição a Paulo Freire que não provenha de uma crítica acadêmica. Mas na academia não é difícil perceber que Freire é valorizado, e isso pode se dar porque seu pensamento é crítico, analítico e, portanto, tem base. Esta base é construção da própria academia, historicamente falando, tanto no âmbito filosófico, quanto pedagógico, e também no âmbito científico (sociológico). Em outras palavras, a crítica é uma linguagem acadêmica, não iria a academia reconhecer sua própria linguagem? Seria impossível tal reconhecimento não acontecer.

Portanto, reforça-se que se deve aceitar toda crítica a Paulo Freire, desde que tal crítica seja verdadeira, autêntica, ou seja, acadêmica. Mas, a valorização de Paulo Freire deve ocorrer e permanecer não só na academia, não somente nos cursos de pedagogia, de filosofia ou sociologia, e sim na sociedade como um todo. Freire deve ser reconhecido pelo próprio povo por quem lutou.

Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro - RJ: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 36. ed. São Paulo - SP: Paz e Terra, 2007.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **As lições de Paulo Freire: filosofia, educação e política**. 1. ed. Barueri - SP: Manole, 2012.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MAZUI, Guilherme. Bolsonaro chama Paulo Freire de 'energúmeno' e diz que TV Escola 'deseduca'. **PORTAL G1**, Brasília, 16 dez. 2019. Política. Notícia. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/12/16/bolsonaro-chama-paulo-freire-de-energumeno-e-diz-que-tv-escola-deseduca.ghtml>.

SARTORI, J. Educação bancária/educação problematizadora. *In*: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte – MG: Autêntica Editora, 2008.